

nagem só não duvida da própria existência, ali deitado de costas na escuridão, porque, como diz Beckett em outra parte: "Eu não posso ter consciência de que eu deixei de existir". Na verdade, o problema do personagem anônimo de Companhia é exatamente esse: companhia. A voz que lhe fala, ou a uma possível terceira pessoa também ali deitada na escuridão, faz-lhe companhia, alivia a sua solidão, o desespero de não saber quem é, onde está, para onde vai. Mas mesmo esse consolo lhe é por vezes negado, quando se pergunta se não será ele próprio quem se está dizendo aquelas coisas. Assim, não lhe resta sequer uma certeza: está só, está acompanhado — embora no final se decida. "Só", é a última palavra do texto. Mas como esse final é arbitrário, determinado pelo autor, pode-se muito bem conceber que seus remoimentos reiniciem o seu ciclo, a voz torne a falar-lhe, a fazer-lhe companhia, de dentro ou de

fora dele.

Essa mistura de esperança e pessimismo fez com que se tivessem percepções bastante diversas de sua obra. Um membro da Academia Sueca, quando de sua premiação, disse: "Nos domínios do aniquilamento, a obra de Samuel Beckett se ergue como um Miserere que vem de toda a humanidade, seu abafado tom menor anunciando libertação para os oprimidos e conforto para os necessitados". Do outro lado, o filósofo marxista Lukács declarou: "Quanto a Beckett, minha atitude é antes negativa. Sem dúvida uma das tendências do mundo capitalista dirige-se para a alienação completa do homem. Para Beckett, esta é a tendência fundamental, contra a qual não há resistência possível".

O problema, aqui, é puramente de mútua exclusão de visões do mundo. Como observou Ernesto Sábato, o ser humano é irreduzível a uma definição singular: se é verdade que existe o ho-